

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christi* (XXVI) A Oração no lar, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO CRITICA: *A questão da validade das ordenações anglicanas*, memoria dirigida ao Em.^{mo} Cardeal Rampolla por W. E. Gladstone; — *A reforma social*, pelo ex.^{mo} sr. Placido de Vasconcellos Maya; — *Femeianismo*, pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida; — *O christianismo*, pelo ex.^{mo} sr. F. G. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Renuncia d'uma parochia*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Miserere mei, Deus*, (tradução) pelo ex.^{mo} sr. A. Alfredo Alves; — *No deserto*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Vive a liberdade*, (tradução). — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Morte de Judas Machabeu*; — *Santos Manuel, Sabelio e Ismael*. — SECÇÃO NECROLOGICA: pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

GRAVURAS: *Morte de Judas Machabeu*; — *Santos Manuel, Sabelio e Ismael*.



MORTE DE JUDAS MACHABEU

SECCÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XXVI

A ORAÇÃO NO LAR

No proprio lar se juntam na sua nudez mais graphica, na cerração mais temerosa, na lividez mais triste, na extensão mais espantosa, na rudeza mais crua e repugnante a miseria e as necessidades da humanidade pobre.

Nas praças, nas ruas, nos clubs, nos theatros e em todos os outros publicos ajuntamentos, luzem-se joias, que se não tem, fingem-se alegrias, que se não gosam, vestem-se galas, que não estão pagas, simulam-se venturas, que se cobizam e larguezas, que se ambicionam; occultam-se os dissabores, a estreiteza e os remorsos.

No lar domestico vem muita vez mergulhar-se em mar de lagrimas as alegrias representadas na grande farya mundanal e as amarguras e as penurias pintam-se, não como se fingem, mas na sua mais crua realidade.

E por isso que, quando no lar domestico a crença e a piedade faltam, e a oração se não ergue ao céu pela paz e as necessidades da familia, faltam n'elle luz, que alumie, ar, que se aspire, e perfume, que console.

E pois necessaria e como que imprescindivel a oração no proprio lar.

E que consoladoras, que são, as preces em roda da lareira, na alta montanha, nas longas e frias noites d inverno, quando ali arde o secco raizeiro do vestusto carvalho, e lá fóra sopra gelado, forte vendaval.

Pouco estima seus filhos a mãe, que não os ensina a orar nos paternos lares!

Quando lá fóra se saiba, ninguém dirá bem d'ella, ainda que depois de muitas horas de toucador e bem perfumada vá na rua sempre de festa.

Bem hajam aquellas, que se recreiam vendo-se no espelho da piedade dos seus filhos: as outras dil-as-hei simplesmente feias.

Devem as mães ser no lar domestico anjos de paz, inspiradoras d'essa piedade e devoção, que, quando bem gravadas no seio da familia, exhalam o suavissimo perfume da oração, que une os membros, suavisa os costumes, eleva o pensamento e nobilita o coração.

A oração da manhã e a da noite tão diversas e tão bellas, tão sinceras, meigas e eloquentes e a da mesa racional e consoladora não se aprendem na escola, e poucas pessoas, além dos frades e das freiras, as irão fazer no tem-

plo. Ou se fazem em casa, ou não se fazem; ou a mãe as ensina, ou ficam ignoradas.

O terço, essa oração com que tantos e tão sympathicos córos commemoram a vida, morte e paixão de Jesus, e cantam as glorias de Maria, é o melodioso canto com que as familias christãs se unem mysteriosa, mas cordialmente aos córos angelicos na mais acorde adoração.

Paizes ha, onde não rezar o terço diariamente em familia, ter-se-ia por grande deshonra; e para consolação nossa nenhum conhecemos, onde não seja mais ou menos vulgar esta santa devoção tão sinceramente christã do lar domestico.

Sendo, como é, um ponto de devoção, ainda assim por ser elle tão graphico e caracteristico tornou-se para muitos como uma diaria obrigação, que, quando não satisfeita, se perde o gosto nos mais honestos prazeres, e sente-se um desgosto, como quando se commette alguma falta na boa sociedade.

No lar, onde as necessidades mais se palpam, a oração torna-se mais necessaria.

E esta oração é mais meiga e encantadora, porque nos apparece adornada com as sempre sympathicas reminiscencias da infancia, e porque é feita em companhia das pessoas que mais se estimam.

Mas, para que esta oração se torne habitualmente diaria, carece-se de união, methodo, paz, ordem e ensinamentos christãos, que em muitas familias, por desgraça, faltam, devido ao muito que se leu e ao mau gosto que grassa na escolha das leituras, ou, o que tanto vale, porque muitos, que se dizem christãos, não militam na milicia christã, como era do nosso desejo.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECCÃO CRITICA

A questão da validade das ordenações anglicanas

GLADSTONE, o celebre homem d'Estado inglez, dirigiu ao Em.^{mo} Cardinal Rampolla uma importante e notavel memoria acerca da validade das ordenações anglicanas. N'esta memoria, o celebre estadista manifesta profundo respeito e grande admiração pelos esforços de Sua Santidade Leão XIII a favor da união das Igrejas.

Gladstone é anglicano, como se sabe; não admira, pois, que defenda com ca-

lor a validade das ordenações anglicanas, assumpto que, como se sabe, está sujeito á apreciação d'uma commissão especial, nomenda pelo Santo Padre.

E', porém, para notar e agradecer os termos respeitosos com que Gladstone se refere á Igreja.

Eis a maior parte da memoria:

A questão das ordenações anglicanas seria d'um interesse secundario, se a considerassemos apenas sob o ponto de vista das consequencias practicas e exteriores immediatas ou d'uma decisão qualquer dada áquelle thema.

Para o clero da communhão anglicana, cujos membros se elevam á cifra de 30 ou 40:000, para as suas ovelhas, a questão não suscita duvida. Nas Igrejas orientaes augmenta de dia para dia um sentimento de benevolencia para com a Igreja anglicana, se bem que não seja provavel lograr estabelecer ainda laços da communhão entre ellas e esta. Não existe felizmente entre ellas o systema irritante do proselytismo. Na Igreja latina, que pela sua grandeza e vasta organização pôde em segunda plana o resto da christandade occidental, se alguém se occupa das ordenações anglicanas, discute-as, nega-as ou tracta-as como se foram nullas.

A condemnação positiva d'estas ordenações, tomada em si mesma, nada mais faria do que confirmar a practica da reordenação usada no caso, geralmente muito raro, em que membros do clero anglicano passam para as fileiras do clero romano. Mas sob o ponto de vista moral, o effeito certo d'uma investigação formal e auctorizada seria de natureza bem differente, quer a decisão fosse n'um sentido quer n'outro. Um chefe cuja sabedoria é conhecida, certamente que não poria em jogo todos os recursos da Curia para alargar ainda mais a brecha entre a Igreja romana e uma communhão, mais pequena certamente, mas que se espalha em toda a parte onde se propagam e crescem as raças de lingua ingleza, e que representa na esphera religiosa uma das mais poderosas nações da christandade europêa. Segundo as minhas apreciações, aquella brecha era já, realmente, muito larga no passado; mas o scisma não está irrevogavelmente estabelecido, nem d'uma parte nem da outra, por algum anathema, ou por qualquer repudiação expressa de communhão. E como o reconhecimento expresso das ordenações anglicanas não crearia a communhão, assim tambem a condemnação d'aquella ordenação não seria em rigor um anathema.

Seria, porém, um passo, mesmo um grande passo, para a communhão, e esta affirmaria praticamente a sabedoria do principio, em virtude do qual é

sempre bom tornar bem claras as diferenças que separam as Igrejas, justificá-las o mais possível, de modo a não augmentar as difficuldades de reunir mais tarde as diversas Igrejas n'um espirito de conciliação. Sob este ponto de vista, as consequencias d'uma investigação que levasse a um anathema seriam igualmente deploraveis. As instrucções que lord Halifax teve a bondade de me transmittir, afastam do meu espirito uma tal apprehensão. E tenho a certeza de que se as investigações da Curia não chegam a um resultado favoravel, a sabedoria e a caridade não lhe consentirão que se torne um pretexto e instrumento de azedume nas controversias religiosas. Assim, considerarei sómente a outra alternativa, e todo o meu arrasado repousará sobre a hypothese de que o tribunal constituido admittirá na sua decisão a força preponderante das razões que provam a validade, ou pelo menos collocará acima de toda a controversia certos elementos essenciaes de discussão. Por agora supponho que esses elementos essenciaes se reduzem a tres:

- 1.º O caracter dos consagradores;
- 2.º A sufficiencia do rito;
- 3.º O grau de intenção que o Concilio de Trento parece exigir, no canon XI da sessão VI.

Sobre o primeiro ponto, o exame visaria, além do facto da consagração de Parker e da competencia dos seus consagradores, muitas sagrações de bispos anglicanos realisadas por ministros não ligados por si mesmos á hoste ingleza. D'este modo fornecer-se-iam, em favor da validade, argumentos tirados de pontos independentes. E se se lograsse pôr fóra de toda a contestação um só d'aquelles tres elementos, haveria um progresso real para a concordia. E teriam n'isto uma recompensa os esforços envidados por S. Santidade Leão XIII, tendentes ao triumpho da verdade e da paz. Pondo, porém, de parte todo outro ponto de controversia real ou imaginaria, seja-me permittido pensar que o pleno reconhecimento das ordenações anglicanas não pôde suscitar duvida rasoavel.

Intervenho presentemente, segundo as minhas forças, n'uma discussão que exige auctoridades competentes; falo absolutamente como homem particular, nascido e baptisado no seio da Igreja anglicana, aceitando a minha sorte n'esta Igreja como é dever de todos aquelles que não julgam que essa Igreja degenerou e perdeu os seus direitos primitivos e naturaes. E posso acrescentar que fui levado por circumstancias particulares da minha vida privada e publica a estudar de perto e constantemente o caracter da Igreja anglicana, as suas diferentes vicissitudes e

o papel que lhe pertence representar na grande historia da Redempção. Por tudo isto, os interesses publicos da Igreja de Inglaterra, que são tambem os interesses particulares do escriptor, explicam e justificam este escripto, expressão das suas ideias pessoaes.

O escriptor não é d'aquelles que esperam uma restauração proxima da unidade christã tal como existia nos primeiros seculos da Igreja. Ousa todavia entreter a doce convicção de que é permittido trabalhar para a realisar. Se o trabalho já feito não produziu resultados magnificos e grandiosos, pôde ser bom e duravel, e a elle deve consagrar os seus esforços o homem mais humilde como o mais elevado.

O Papa, o primeiro bispo da christandade, occupa a mais nobre esphera de acção; mas o mais humilde membro do rebanho christão, tem o seu papel no trabalho de cada dia. Consoante o cumprir, assim contribuirá para a perfeição ou imperfeição de toda a obra santa. Humilde christão, o auctor d'este escripto verificou, com satisfação e reconhecimento profundo, o progresso constante d'uma restauração christã. No seu proprio paiz aquella obra não se limita á communhão anglicana; mas é melhor para elle limitar-se a falar do que viu com os seus proprios olhos. Considerado n'estes limites, o movimento de restauração não se restringiu á doutrina, penetrou em todas as manifestações da vida christã.

Deu em resultado fazer sahir a Igreja de Inglaterra d'uma calma exterior, que occultava uma verdadeira estagnação, para a lançar n'um estado, onde ao passo que soffria tempestades exteriores e provas particularmente agudas, ainda ao presente não está absolutamente isenta de divisões intestinas. Vê o seu clero transformado (é o termo proprio); as suas energias vitaes augmentam e engrandecem em todas as direcções; em fim, muitas e bellas esperanças dizem-nos que concorrerão, com não pequena parte, para a consummação do Evangelho em todo o mundo.

Comprovar aquellas mudanças não augmenta o nosso orgulho. Envolvem, com effeito, a confissão das faltas da nossa Igreja. Não é agora occasião conveniente para as enumerar minuciosamente; posso, porém, mencionar o grande enfraquecimento da doutrina christã, a insufficiencia da manifestação da pessoa e da obra do Redemptor, a falta de zelo e de piedade no culto, a raridade do officio publico, as ideias empobrecidas sobre a Santa Eucharistia, cuja celebração era devota mas pouco frequentada, o desaparecimento gradual dos costumes da Igreja na vida quotidiana da familia.

Em tudo isto houve mudança pro-

funda, que ainda continua. E se pomos de parte certas extravagancias ou indiscreções accidentaes, aquella mudança marca um progresso na vida espiritual das almas e na obra de Deus em favor do homem. Curvar-se lealmente perante a verdade impõe muitas vezes confissões que nos collocam em posição desvantajosa nas controversias.

N'este momento devo fazer uma d'essas confissões. Uma grande parte das mudanças operadas tendem a aproximar-nos da doutrina auctorizada das Igrejas do Oriente e do Occidente, que não acceitaram a Reforma. Se por uma parte affirmo a existencia de progressos na vida religiosa, por outro lado confesso que esses mesmos progressos são testemunhas authenticas que depõem contra nós e em favor das Igrejas estrangeiras. N'outros termos, aquelles progressos contribuirão grandemente para a causa da reunião christã.

Devemos consignar com tristeza que as demonstrações publicas e corporativas, em particular da Igreja occidental, especialmente a de 1870, como que respondem aos nossos progressos com uma especie de afastamento. Mas, é escusado insistir mais n'isto: *redeunt saturnia regna*. Certas publicações de sacerdotes francezes, de cuja orthodoxia não se pôde suspeitar, tendentes a affirmar a validade das ordenações anglicanas, excitaram naturalmente interesse na França e no estrangeiro. Todavia, não havia n'isto nada de natureza a agitar o mundo romano, nada que podesse imprimir ao assumpto um caracter de urgencia administrativa, ou ao assumpto tratado pelos meios do Vaticano. Assim, sabendo eu que, por ordem de Leão XIII, a validade das ordenações anglicanas devia ser objecto de uma investigação historica e theologica, era impossivel não conhecer o interesse profundo que os moveis de uma tal decisão punham em evidencia, se fosse interpretada, com justa razão, como um esforço para diminuir os pontos controvertidos.

Certamente que ha n'isto, segundo penso, um assumpto de reflexão que se impunha ao espirito antes mesmo de toda a investigação de importancia intrinseca da questão, e que fortemente se apoderou do meu espirito. As controversias não se parecem com as chagas do corpo, que a benefica natureza cura. Se não chegam á gangrena e á morte, pelo menos endurecem, condensadas, consistentes, fazem corpo com a lei, o caracter, a tradição e até a linguagem, de modo a terminarem por se collocarem entre os dados e axiomas da vida commum.

Julgar-se-iam tão inexpugnaveis como os rochedos d'uma praia inacessivel. Um dos nossos poetas descreve e

reparação dilacerante e completa da dous velhos amigos (1).

Ha quasi quatro seculos, devemos lembrar-nos d'isto, que a assembleia, reunida sob Warhan, em 1531, votou um canon ou resolução, a respeito do poder real sobre a Egreja e que tambem dizia respeito á jurisdicção do Papa.

Depois, quantos acontecimentos proprios para irritar conflictos e quão poucos para os pacificar! Que coragem deve ter um Papa, a que ponto deve elevar-se acima das violentas tempestades do espirito de partido, que sinceridade de amor para que todas as ovelhas de Christo sejam unidas! Que audacia lhe era necessaria para ousar aproximar, com desejos de paz, essa enorme massa de recordações odiosas e ainda em chammas!

Pois bem, foi isto o que Leão XIII fez. Primeiramente concebendo a ideia d'aquella investigação, e depois cuidando, pela constituição sabia e imparcial do tribunal encarregado da investigação, de que não se omitisse nenhuma garantia para chegar mais facilmente á verdade.

Aquelle que se lembra do «copo d'agua dado a um dos seus humildes» lembrar-se-ha seguramente d'aquella tentativa que, desde a sua origem, appareceu cercada de difficuldades e de bençãos.

E entretanto, que vantagem resultará d'uma investigação que terminará a controversia das ordenações anglicanas ou pelo menos restringirá os seus limites? Com o maior respeito para com a auctoridade e juizo mais competente, vou escrever a minha resposta pessoal, e, como a admitto simplesmente, a minha insignificantissima resposta áquella questão.

A unica controversia que, na minha profunda convicção, excede, e finalmente absorve todas as outras, é a controversia entre a fé e a incredulidade. E' facil comprehender a confiança d'um catholico romano na vasta organização da sua Egreja, na sua crença imponente e na sua actividade. Armas são estas para affrontar os perigos a correr em crises temerosas. Mas presumo que, mesmo para o catholico, as centenas de milhões d'homens que professam o nome de Christo sem reconhecerem a auctoridade da Egreja romana, devem entrar em linha de conta para alguma

coisa. Com o testemunho d'estas centenas de milhões, o catholico melhor defenderá contra a incredulidade a causa commum — porque ha uma causa commum — melhor defenderá a sua posição particular. Sobre cem christãos, se noventa e nove affirmam a crença nas verdades capitaes da Trindade e da Encarnação, apesar de suas crenças diversas e oppostas, não será certo que todos os membros de cada Egreja ou de cada communitate particular declaram que esta unidade na diversidade contribue fortemente para confirmar a fé, e fornece uma larga base sobre a qual podemos edificar as nossas esperanças para futuro?

Desço das alturas transcendentaes d'estas doutrinas, mas para me conservar ainda sobre um terreno bem elevado.

A transmissão da verdade atravez dos seculos por uma Egreja visivel divinamente instituida é, segundo a crença e a pratica de mais de tres quartos da christandade, uma materia de profunda importancia. N'estas tres quatro partes conto a Egreja anglicana.

..... Termino por dizer que não me pertence julgar antecipadamente os resultados das investigações que se fazem em Roma. Quaesquer que sejam, não pode haver n'ellas, na minha opinião, a menor duvida sobre a natureza da attitude tomada pelo chefe actual da Egreja catholica romana. E' uma attitude paternal no sentido mais largo da palavra, e conservarei sempre a preciosa memoria d'aquella attitude, com affectuosos sentimentos de respeito, de gratidão e de alta estima.

Hawarden, março—1896.

W. E. Gladstone.

A reforma social

Por esta porta, isto é, pelo regimen anti-christão, que entrou a decadencia na antiga e gloriosa França, decadencia que concluirá por arruinar toda a sua grandeza, se a tempo não surgir uma saudavel reacção que ponha um dique ás desordens que actualmente a opprimem.

Assim ao governo sem Deus correspondeu, na França, o desenvolvimento do scepticismo, do antagonismo, o enfraquecimento e desfallecimento da raça, a instabilidade das instituições e por ultimo a sua decadencia em todos os ramos da sua actividade. Podemos, assim, pelo estudo comparado dos dois systemas de governo, e pelos resultados praticos d'um e d'outro conhecer

com toda a evidencia o quanto são ephemeros os resultados do regimen inspirado no espirito de novidade; e quão profundo e insondavel é o abysmo que elle cava aos povos que se deixam embalar pelas cantigas revolucionarias.

Ora, nós que costumamos navegar na esteira da França, em tudo o que domina o tal espirito de novidade, não temos que admirar-nos ao observar o estado d'abatimento e decadencia a que chegamos; porque as mesmas causas produzem naturalmente os mesmos effeitos.

Aos mesmos vicios de governo, correspondem as mesmas desordens na administração publica: entre nós os homens publicos são formados no meio o mais corrompido, pois não ha nada mais reles e mais baixo do que a politica partidaria que é, entre nós, a negação da justiça, da verdade e da virtude: ora, homens formados n'esta atmospheria corrompida, impossivel será que não levem consigo o contagio, que ha de viciar a sua administração.

Entre nós, em regra, os homens chamados ao poder nada sabem d'administração publica, tendo por isso de apoiar-se na burocracia, que é quem na realidade governa em nome do governo, que apenas assigna de cruz; assim a burocracia governa sem a menor responsabilidade, chegando sempre, já se sabe, a brasa para a sua sardinha; cuidando dos seus interesses, que, em geral, são antagonicos com os interesses do paiz.

E' esta a pura verdade, que se confirma todos os dias; pois a cada reforma corresponde um agravamento nas despesas publicas, e um alargamento no quadro dos empregados publicos: os serviços do Estado cada vez se complicam mais, e isto, muitas vezes, feito calculadamente para assim se tornarem indispensaveis os burocratas na solução dos graves problemas d'administração e accrescentarem cada vez mais a sua influencia e preponderancia politica.

Vê-se claramente que sem conhecimentos praticos em qualquer arte, por mais theoria que tenha na cabeça, nada de proveitoso poderá produzir em quanto não adquirir conhecimentos praticos: ora se isto se torna palpavel em qualquer arte usual, quanto mais o será na arte de governar os povos, que é a mais difficil de todas as artes!

O simples bom senso mostra o quanto é absurdo o systema entre nós seguido no recrutamento dos ministros d'Estado, recalhindo geralmente a sua escolha em homens, que teem feito a sua aprendizagem na mais facciosa, mais desbragada e mais hedionda galopinagem politica, quer dizer, no foco mais immundo, mais deprimente e mais corrupto que imaginar-se póde: considere-se que as

(1) They parted, ne'er to meet again
But never either found another
To free the hollow heart from paining
They stood aloof, the sears remaining
Like cliffs, wich had been rent assunder
A dreary sea now rolls between.

(Coloridge's Cristobal)

aptidões administrativas poderão ter adquirido n'essa caverna de caco os taes homensinhos, e que especie d'administração poderão fazer!

Depois admiram-se dos escandalos e das injustiças que se commettem no exercicio de poder! Quem semeia ventos colhe tempestade, é uma maxima do Evangelho; assim, quando os homens devassos, os mações, os homens sem crenças religiosas e sem temor de Deus são os que governam, a administração publica ha de ser por força o que tem sido entre nós.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAIA.

Femeianismo

NA parte do genero humano mulheril dá-se uma classificação a notar n'estes tempos: ha mulheres que de todo se dão á practica do bem; ha mulheres que vão mais ou menos com o mundo, e pertencem a estas as que estão fazendo muito palavrório e muito foguetório no intuito da emancipação da mulher e para obter-lhe os direitos politicos. A emancipação da mulher está feita desde que o christianismo reivindicou para ella na sociedade os direitos de pessoa, acabando aquelle ultrage com que na sociedade pagã era tida como cousa. O christianismo emancipou com sua doutrina a mulher e assignalou-lhe sua missão especial toda de bem e de paz sem se misturar nas confusões, nas desavenças, nas inferneiras dos homens na sociedade; é contra tal missão divinamente constituida que a maçonaria-revolução faz guerra traigoeiradamente com a lisonja, e promettendo á mulher o dar-lhe partilha na governação publica e nos mais cargos das nações, o que muito transpirou do preparo e realisação do recente congresso feminino em Paris; a respeito d'este congresso disse um escriptor francez, que n'elle foi notado o maior de umas esposas e desnaturadas mães. Não admira pois que uma mulher de auctoridade se não prestasse áquella pernicioso farça; algum bom pensamento que lá appareceu não foi bastante para tirar ao alludido ou mencionado congresso seu character de applauso maçónico-revolucionario. Os que se afastam das vistas de Deus e assim procuram ir só pelas proprias vistas desgraçam-se! Não ha mais que um só caminho justo e seguro; é elle o traçado pela verdadeira doutrina, e do qual nos é guia a santa Igreja de Deus. Tem havido mulheres verdadeiramente dignas de reger não só a familia mas tambem fóra da familia, e têm regido de um

modo e do outro, mais isto é uma excepção feita por Deus na regra geral da missão dada pelo Senhor dos Senhores á mulher, sem que obrigue todos os entes femininos a serem mães de familia, porém obrigando todos aquelles entes á fidelidade de sua vocação, vinda do céu. Os modernissimos buscam, *volens-nolens*, tornar os homens quaes outros Sardanapálos com a roca á cinta e atirando as mulheres para os turbilhões mundanos, não obstante muito enfeitadas. A cegueira louca da sociedade-moderna é tremenda!

Segundo os mais aparatos desejos da emancipação da mulher pela idea moderna, as esposas devem ser accites, embora sua duvidosa fidelidade; as mães desnaturadas; as donzellas casadas civilmente; as gastadoras excessivas e luxuosas; as pretenciosas litterarias; as enredadoras de corações; *et sic altera*. Eis aqui o pessoal que, por a emancipação alludida, quer o diabo que a sociedade seja dirigida e governada. Porém uma hypothese tal nunca se dará, pois que, se fosse realisada, seriam n'esta parte levadas á parede as vistas de Deus, o que é um impossivel, embora alguma vez vingue temporariamente a vontade do homem, por altos divinos juizos! A auctoridade da mulher na sociedade só perderia se fosse verificada, e tornada facta, a emancipação feminina para que trabalha a maçonaria-revolução *quod Deus avertat!*

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

O christianismo

DEZENOVE seculos são quasi passados depois que o christianismo foi divinamente estabelecido no mundo por Jesus Christo, depois de annunciado por um grande numero de prophcias, cuja clareza ia augmentando á medida que os successos se aproximavam terminando pelo seu cumprimento.

O estabelecimento do christianismo é uma das provas mais sensiveis da sua divindade. A sua rapida diffusão pelo mundo não pôde por fórma alguma attribuir-se a algum principio humano; pelo contrario, todos os principios humanos que podiam concorrer para o bom successo d'uma empresa se oppuseram ao seu progresso.

Jesus Christo, seu fundador, tem sido a admiracão de todos os povos pelo seu character augusto e incomparavel, pela sabedoria eximia das suas lições, pela sublimidade da sua doutrina, pela santidade da sua moral, pelo heroismo de suas virtudes e pelo prodigio de seus milagres.

Contribuiu para a propagação do christianismo a prégacão dos apóstolos e as circunstancias que a acompanharam, as suas qualidades pessoais, a certeza do seu testemunho, os obstaculos que tinham a vencer no campo da adversidade, e a morte que soffrer para sellar a doutrina que annunciavam.

Contribuiu tambem além d'isto, o modo como o christianismo foi atacado e defendido, as revoluções que surgiram no decorrer dos primeiros seculos, que tinham por fim aniquilal-o, e que não fizeram mais do que contribuir para a sua propagação: esses milhões de martyres sem distincção de sexo nem idade, que derramaram o seu sangue, cruel e deshumanamente torturados, em defesa dos seus divinos dogmas, do qual Tertuliano disse que era uma semente fecunda para a propagação do christianismo no meio das perseguições: *semen est sanguis christianorum*.

Se examinarmos o christianismo, vemos n'elle uma moral santa, um culto magestoso, uma disciplina severa, dogmas sublimes de que a Igreja é verdadeira e fiel interprete e que são o ensino publico da mesma, a unidade, a universalidade e immutabilidade da fé. E quantas seitas se tem afastado, tantas provas são da unidade, immutabilidade e firmeza da sua fé.

Sem os mysterios, a moral não teria onde se fundar; ambas as coisas seriam abandonadas, se as praticas do culto religioso as não fizesse lembrar continuamente; e o culto alterar-se-hia se a disciplina não vigiasse pela sua conservação.

A Igreja Catholica é, como acima se disse, a guarda fiel da pura e sublime doutrina do christianismo tão bem exarada no Evangelho que mereceu arrancar do espirito de Rousseau os mais rasgados elogios. «Nunca a virtude fallou uma linguagem tão doce, nem a mais profunda sabedoria se exprimiu com tanta energia e simplicidade. Examinae os livros dos philosophos com toda a sua pompa; como são insignificantes ao pé do Evangelho! Por ventura um livro tão sublime e tão sabio poderia ser obra dos homens?!

.....
« Que doçura, que pureza nos seus costumes! que graça tão tocante nas suas instrucções! que elevação nas suas maximas! que profunda sabedoria nos seus discursos! que sublimidade e que certeza nas suas respostas! que imperio sobre as paixões! onde existiu um homem, onde existiu um sabio que soubesse obrar, soffrer e morrer sem fraqueza nem ostentação?

.....
O Evangelho têm caracteres de verdade tão tocantes, tão perfeitamente

inimitaveis que se fosse inventado, o seu inventor seria mais admiravel que o heroe.» (Espirito, Maximas de J. J. Rousseau.)

O mundo, o homem, a vida seriam um indecifrável enigma se não existisse o christianismo. Muito bem, disse Montesquieu aos scepticos: «a vossa philosophia é o relampago que amunha a tempestade e a escuridão.»

Sem elle, o homem viveria mergulhado n'uma vida insondavel da sua existencia; viveria entre calamidades, crimes e lagrimas; e, por fim, cansado de viver desapareceria n'uma sepultura que o reduziria ao nada incomprehenhivel.

Mas o christianismo, o grande civilizador dos tempos modernos, como lhe chamou Alexandre Herculano, refulge qual sol radiante que nos dissipa as densas trevas da duvida e explica-nos a natureza e origem do mundo, do homem e da vida, e o fim sobrenatural para que foi destinado. Ensina-nos que o mundo, este conjuncto de mysterios, este panorama de maravilhas que absorve a contemplação humana em profundas meditações foi obra admiravel da Divindade; que o homem creado por Deus á sua imagem e semelhança, é um ente sublime destinado á immortalidade; e que a vida no mundo não é senão um caminho espinhoso que conduz á eternidade.

F. G.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Renuncia d'uma parochia

ANTONIO Parrini, nomeado parochio do povo de Poppí, da diocese de Arezzo, em 1852, era muito solícito em augmentar as rendas da sua parochia, as quaes chegaram a 8065940 réis de 2115680 réis a que antes ascendiam.

Não obstante, alguns julgaram excessiva a solícitude do dito parochio: d'aqui desgostos e não poucos perigos, porque repetidas vezes foi procurado por causas politicas, tres vezes lhe armaram emboscadas para o matar e até chegaram a ferir-o gravemente em logares publicos. O parochio, que já contava 60 annos, pediu á Santa Sé dispensa de residencia, fundando a sua petição nos perigos a que se via exposto e nas inclemencias do clima. Concedeu-se-lhe dispensa pelo tempo de dois annos, mas como se tornassem de dia para dia mais graves as inimizades contra a sua pessoa, mostrou-se disposto a renunciar á parochia, se lhe concedessem uma pen-

são proporcionada ás rendas do beneficio.

O Bispo informou que as rendas eram realmente as que o parochio dissera, se bem que nem todos os augmentos se obtiveram a expensas suas; que o seu ministerio se tornára impossivel e inutil, o que poderia evitar facilmente obrando com a prudencia que corresponde áquelle que tem a seu cargo a cura das almas; que as obrigações que pesavam sobre a parochia eram mui graves, até ao ponto de que, se ao orador, que desejava descansar de suas fadigas, se lhe concedesse a pensão de 3605000 réis, apenas ficaria igual quantia para o novo parochio, obrigado a levar o peso da parochia, além do encargo de dois capellães.

Allegadas ante a Sag. Cong. as razões pró e contra a petição do parochio, formulou-se a pergunta nos termos seguintes: «Se deve acceder-se, e então em que forma, á petição feita pelo parochio Parrini,» a Sag. Cong. dignou-se responder em 16 de junho de 1885: «Admitte-se a renuncia da parochia, com a reserva da pensão de 3605000 réis, accedendo a isso a Santa Sé.»

DEDUÇÕES

1.^a Costuma a Sag. Cong. apurar os recursos do direito antes d'admittir aos parochios a renuncia dos seus beneficios; ainda quando as inimizades sejam causa legitima de renuncia, é mister que sejam verdadeiras, graves, que não haja tido culpa d'ellas o parochio, e sejam anteriores á obtenção do beneficio.

2.^a Sobre as ditas inimizades, facultou-se aos Bispos, sob cargo da sua consciencia, que permittam ao parochio, victima d'ellas, residir algum tempo fóra da parochia, até que se comprove com a possivel e maior segurança o grave perigo que correria o parochio de continuar residindo, pela probabilidade de que as inimizades continuariam de tal maneira que fosse necessario conceder-lhe a venia desejada.

3.^a O direito exige causa legitima para renunciar, pelo grave prejuizo que se seguiria ás egrejas se qualquer beneficiado, especialmente dos que tem cura d'almas, pudesse deixar o beneficio sem motivo legitimo, examinado e admittido pelo Superior.

4.^a Criam-se penões de favor para os beneficiados sempre que haja causa justa para isso, por exemplo, o insigne merito contrahido pelo clerigo n'alguma egreja, uma virtude excellente, um grau sublime de sciencia, a velhice, a enfermidade ou outra causa de piedade.

5.^a No caso que se ventilava, parece que se mitigou o rigor do direito, e se fez uso d'uma benignidade apostolica

especial em favor do orador, cujo merito principal consistia em ter conseguido augmentar as rendas da parochia com a sua constancia, da qual tirava depois não pequena utilidade.

SECÇÃO LITTERARIA

Miserere mei, Deus

(TRADUÇÃO)

De Vós, ó Senhor, imploro a compaixão,
A' vossa misericórdia: guem recorre em vão.

Como dissipa o sol as negras tempestades,
Dissipae, ó meu Deus, tantas iniquidades.

Lavae da minh'alma toda a mancha escura,
Como as aguas limpam toda a nodosa impura.

Perante os olhos, sempre monstruoso, informe,
Diviso o meu peccado, como um gigante enorme.

Contra Vós eu pequiei, grande foi o meu peccado,
Em vossas palavras sou bem justificado.

Ainda no berço conheci a maldade,
E minha mãe me gerou na iniquidade.

Nem sempre corrompido esteve o coração,
Mysterios occultos já viu a razão.

Com o hyasope santo bem purificado,
Mais branco do que a neve seroi sem peccado.

Concedei-me palavras de consolação,
Meus ossos humildes por Vós exultarão.

De meus vis peccados a vista apartae,
As infames torpezas do mim afastae.

Um puro coração que de novo em mim tenha,
A justiça, a virtude, que á minha alma venha.

Da Vossa presença não me expulsaes, Senhor,
Mo seja faal o divino resplendor.

P'ra Vós o caminho os iníquos saberão,
Os Impios protervos a Vós voltarão.

Do sangue dos homens, Deus, Deus, me livrao,
Justiça divina, meus labios, cantae.

Os Vossos louvores minha lingua dirá,
Com jubilo santo os annunciará.

gratias Vós fosseis, sacrificios faria,
E offerencias, Senhor, Vos offeraria.

Um só sacrificio p'ra Vós tem valor,
—Contricto o coração d'um pobre peccador.

Da misera Sião attentae, Deus, no bem,
Que os muros resurjam de Jerusalem.

Então as offerendas benigno acceptareis,
Sobre o Vosso altar tril victimas tereis.



SANTOS MANUEL, SABELIO E ISMAEL.

De Vós, ó Senhor, imploro a compaixão,
A' Vossa misericórdia ninguém recorre ou vão.

A. ALFREDO ALVES.

No deserto

Quem gasta mais do que tem
Tarde ou cedo a pedir vem.

O homem sal e de leve
Quando não sabe o que deve.

De cima deve partir
O bom exemplo a seguir.

A pura sabedoria
Não conhece a cobardia.

Nada se faz por si só,
Nem a relva, nem o pó.

No governo autocrático
Impera a lei do selvático.

O povo imita o que vê,
Se lê, não sabe o que lê.

Na descrença peremptória
Mora a negação da história.

Liberdade illimitada
E' torpeza escancarada.

Muito cego é quem não vê
Senão a lama em que cre.

Ao tempo nada resiste
De quanto na terra existe.

O peixe, livre no mar,
Morre ao contacto do ar.

Reprime a louca vaidade,
Lembrando... a Eternidade.

A sciencia diz que ha Deus
Quando faz .. e honra atheus.

O que ao grande Iris pintou
A Saturno... a cinta atou.

A honra, sempre arriscada,
Não se quer muito apurada.

Se vos fallece sustento,
Manda abrir um convento.

O padre sem vocação
Deslustra a lei do christão.

Cuidado com a donzella
Que se tem por muito bella.

Se não fossem n'os macanjos
Era o mundo um paiz d'anjos.

O deus do commerciante
E' dinhoirama bastante.

Quem adora o Sempiterno,
Crê nas penas... do inferno.

Se ao fallar em ti não cabes,
Nunca provarás que sabes.

Toda a guerra, toda a paz,
Termina por: «Aqui jaz».

Resplandece, ó luz divina,
Sobre a sciencia hodierna
Porque ella aprenda da hesterna
A preparar... a crastina!

Se alguém medita na morte,
Se alguém sonda a sepultura...
Esse alguém é a cordura,
A justiça, o fraco, o forte!

Pondera bem o que ensinas,
Que só tu és responsável
Pelo que houver de prasmavel
Nas propagadas doct.inas.

Foge do sabio apparente
Que falla sem tom nem som;
Mas do tolo que quer dom,
Foge inda mais diligente.

Ao homem mais abastado
Alguma coisa falleco...
Quando o sol o não aquece
Da lei do Crucificado...

Que tudo acaba, estulticia,
E' bem para meditar-se:
De novo pôde escapar-se,
De velho... não ha noticia.

Qual é o sol que dá luz
Ao sol que á lua luz dá?
Nunca o saber o dirá...
Dos descrontes de Jesus!

Não enalteças athens,
Nem toleres deshumanos;
E dize aos republicanos
Que não façam luz sem Deus.

O mundo é praça d'enganos:
Não cuides que nunca morres,
Nem que n'um pouco desforras
A perca... de muitos annos.

Mais que as serpes de Meduza
Pôde a velha tyrannia...
Que ao juz a força atrophía
Quando atroz .. da sua abusa!

Não medites só na estancia,
Nem no fraco, nem no forte;
Medita também na morte,
Que é negocio de importancia.

«Conta o velhote o que fez,
«O tolo o que ha de fazer»;
Mas mais conta o por dizer
Em certos dias do mez.

Não te confunda o diaheiro,
Nem dos homens o respeito...
Que ao dever estás sujeito
A obedecer primeiro...

Attendei, grandes da terra,
A que a vida é um momento:
Chega a morte, o passamento,
Um sepulcro vos encerra.

Não ha ninguem satisfeito
Sobre a esphera que habitamos;
Mas se o ha, nós nos curvamos
Perante o mortal perfeito.

ALVES D'ALMEIDA.

Viva a liberdade!

(TRADUÇÃO)

«—Meninos, ia dizendo o professor, quero ensinar-vos a ser homens e a ser livres. Os nossos antepassados faziam de cada rapaz um automato, exigindo-lhe um silencio humilhante, esmagador. Hoje os processos pedagogicos indicam outro systema: o rapaz é um ser perfeitamente livre que só contrahe um dever para com seus mestres, o de estudar; outra obrigação não tem, e pela minha parte desejo que me trateis como companheiro e não como vosso superior.

Disse.»

Os cento e tantos alumnos que ali estavam reunidos preromperam em vivas entusiasticos.

Começou a lição.

Um rapazito que não aparentava ter mais de seis annos levantou-se do banco e dirigiu-se ao professor dizendo:

—Dá-me um cigarro, senhor professor?

Elle ficou surprehendido.

—Vá, não seja mau! Entre companheiros não se nega um favor.

—Não fumo, respondeu.

—Mande o criado trazer-me um masso de cigarros, disse um outro, pondo uma moeda de prata sobre a mesa.

O professor estava admiradissimo, mas como não podia desmentir as palavras do seu discurso, mandou vir os cigarros.

Os rapazes, uns riam, outros fallavam, outros gritavam fazendo todos um verdadeiro inferno.

—Meninos, mais silencio.

—O que é isso de silencio?! Nós somos livres!

—E' certo, porém temos que estudar e com este barulho não se pôde.

—Nós não accetamos imposições! Isso foi n'outro tempo. Agora a pedagogia moderna faz homens livres.

—Assim é, mas peço-lhes que se callem e estudem que depois fallaremos.

—Para estudar temos muito tempo! gritavam elles puxando pelo fato do professor.

—Meninos, dizia elle, respeitem-me ao menos.

—Todos somos eguaos, berravam elles novamente.

E continuavam cantando e dançando em volta do pobre homem que tomou a resolução de também se rir com elles.

Emfim, cansados, os discipulos sentaram-se de novo nos bancos e gritaram:

—Que bella é a liberdade!

—Agora peço-lhes que estudem, disse o professor.

—Sim, senhor, disseram todos agarrando nos competentes livros.

E o pobre homem recomeçou a lição como se nada tivesse succedido.

Passavam cinco minutos quando os estudantes começaram atirando com os livros.

—Mas, meninos, o que é isto?

E elles, como se nada tivessem ouvido, mettiam os dedos nos tinteiros, sujavam a cara uns dos outros e gritavam:

—Viva a liberdade!

—Senhores, li dos diversos auctores os principios pedagogicos e creio na liberdade como o unico meio para fazer cidadãos uteis e para os instruir, mas não posso admittir a desordem.

(Os rapazes começavam a jogar a bordoadá.

—Não, meninos, até aqui não chegam os direitos do homem livre, dizia elle tentando separar os combatentes. A liberdade bem entendida é a que começa respeitando o direito alheio para guardar o proprio.

O pobre homem quasi não pôde continuar.

—Meninos: não respeitaes o Poder Executivo que sou eu?

—Aqui não ha poder, ha liberdade. Todos somos eguaes.

—Sou o vosso professor...

—Isso é já d'outros tempos. Agora não ha superiores.

—Pois bem: já que a liberdade é uma cousa negativa, procedamos.

Começou então a distribuir pancadaria, de forma que a rapaziada teve que reconhecer a influencia da força sobre a liberdade.

—Nos seus logares todos! dizia elle.

E aquelle pequeno exercito liberal sentou-se silencioso.

Os garotos tinham aprendido mais direito n'um discurso, que o mundo em dezanove seculos e dirigindo-se em tropel para a porta, correram para a rua gritando:

—Viva a liberdade!

O professor, com o rosto entre as mãos e os cotovellos apoiados na banca, murmurava:

—Grande cousa é a liberdade, mas é preciso preparar o corpo para a receber.

Os auctores mais adiantados não se lembraram d'isso; provavelmente não foram maçados pelos seus discipulos.

Para conhecer os perigos que podem advir d'uma liberdade concedida sem precauções e a quem não sabe conhecê-la, é preciso conhecer os effeitos que ella produz.

Eis-me aqui troçado por estes marotos, quasi em risco de apanhar bordoadas d'elles, e se tal não succedeu foi porque me servi do unico moderador das acções humanas: a força.

Supponho que a liberdade, sem o auxilio d'uns bons punhos, me teria deixado n'um estado lastimoso.

Acabava de fazer estas reflexões quando entrou um membro da commissão parochial de instrucção.

— Meu caro senhor, disse elle, a commissão acaba de saber que o senhor ensina á antiga, isto é, castigando.

— Ao contrario, ao contrario: ensino tão á moderna que pareço um discipulo e os meus alumnos os professores.

— A commissão vê, com pezar, que o senhor se excede, e vejo-me obrigado, em nome da mesma commissão, a suspendel-o perante a liberdade desconhecida.

— Tem muita razão: dou-me como suspenso.

Viva a liberdade!

SECÇÃO ILLUSTRADA

Morte de Judas Machabeu

(Vid. pag. 123)

DEMETRIO Soter que usurpou o throno a Antiocho Eupator, continuou a guerra contra Judas Machabeu; mas tendo este derrotado Nicanor, general que o rei da Syria enviara, vieram novas tropas invadir a Judéa.

Tendo-se declarado a defeccão nas tropas israelistas, Judas não pôde oppôr aos seus inimigos senão oitocentos homens, e acabrunhado pelo numero, pereceu defendendo-se como um leão. Israel pranteou a morte do seu chefe, exclamando: «Como morreu este homem invencivel que era a salvação d'Israel?!» Defensor do culto do verdadeiro Deus, restaurador do templo de Jerusalem, figura de Jesus Christo, este heroe fôra effectivamente a salvação da sua patria.

Judas Machabeu tinha todas as qualidades d'um grande guerreiro; a sua coragem era indomavel e a sua prudencia tornara-se proverbial. Dotado de verdadeiros talentos militares, conhecia todos os segredos da estrategia e da tactica então usada, e fez sentir duramente o pezo da sua espada aos inimigos do seu paiz.

Zeloso da gloria de Deus, a elle deveram os Judeus a restauração e purificação do templo de Jerusalem. Cheio de piedade, foi o seu primeiro cuidado, depois de alcançar victoria de seus inimigos, dar graças a Deus por o ter escolhido para salvador do seu povo.

Para esse fim logo que tomou posse de Jerusalem, mandou proceder á reparação do santo dos santos e á santificação dos atrijs do templo. O altar dos holocaustos que fôra manchado pelos sacrificios aos idolos foi demolido, e todos os vestigios das profanações foram removidos.

Mandou levantar um novo altar de perfumes, fundir outros vasos sagrados, e fazer uma meza para os pães de proposição, um candelabro d'ouro e um veu novo para resguardar o santo dos santos.

Compungidos de dôr por verem a profanação do logar santo, elle e todo o povo cobriram-se de cinza, vestiram-se de sacco e com cilicios fizeram todas as demonstrações de lucto, durante muitos dias, para aplacarem a colera celeste. Soltaram lamentações ao som de trombetas, e assim passaram muitos dias regando com suas lagrimas o solo que Jesus Christo havia de santificar com a sua presença derramando sobre elle o seu preciosissimo sangue para redempção do genero humano.

Depois de assim desaggravar a Divindade, Judas procedeu á consagração do altar dos holocaustos, no vigessimo quinto dia do nono mez de Casleu. Os sacerdotes accenderam o lume no 70 fazendo faiscar pederneiras. Cantaram-se hymnos em acção de graças por Deus ter concedido tantas victorias, e foram offerecidos holocaustos e victimas pacificas, derramando o povo lagrimas d'alegria por ver restabelecido o culto de Deus na cidade santa e por se lembrar que pouco tempo antes celebrara a festa dos tabernaculos nas montanhas e cavernas, onde se tinham refugiado para evitar a perseguição d'Antiocho.

Celebraram esta festa durante oito dias, a qual Judas determinou que se celebraria todos os annos o mesmo numero de dias a começar no vigessimo quinto do mez de Casleu. Esta festa era celebrada quasi com as mesmas ceremonias que a festa dos tabernaculos.

E' por esta razão que n'esta solemnidade os Judeus traziam ramos verdes e palmas em honra de Deus que lhe tinha concedido a liberdade de purificarem o templo. Todo o povo estava cheio de alegria por ver o opprobrio das nações expulso do seu seio.

Santos Manuel, Sabelio e Ismael

(Vid. pag. 129)

Pelos annos de 362, — diz o Padre João Croiset no seu *Anno Christão* referindo-se á vida e martyrio d'estes tres santos — no tempo em que os persas se achavam empenhados em uma vio-

lenta guerra com o imperador Juliano Apostata, floresciam n'aquelle reino Manuel, Sabel ou Sabelio e Ismael, filhos de um pae gentio e de mãe christã, a qual procurou educal-os na nossa religião santa e instruil-os nas sagradas Escripturas por certo eunucho, presbytero, recommendavel pela sciencia e santidade. Fizeram os tres irmãos admiraveis progressos nas lettras e virtudes debaixo da direcção de tão insigne mestre, chegando a ganhar a estima dos persas por sua irreprehensivel conducta e recto proceder.

Escreveu Juliano ao Persa sobre a paz, e conhecendo este soberano que para ajustal-a não tinha em seu reino ministros de mais reconhecida habilitade e consummada prudencia do que Manuel, Sabelio e Ismael, mandou-os para este effeito ao imperador, que vendo-os moços, formosos e tão discretos, os recebeu com toda a honra, assentando-os á sua propria meza.

Ausentou-se Juliano de Constantinopla para a provincia da Bithynia; tendo chegado a Chalcedonia, annunciou uma grande festa aos deuses, ordenando ao povo que lhes offerecesse sacrificio no templo de Trigon. A multidão acudiu pressurosa a obedecer ao preceito do imperador; vendo os tres santos o acoadamento, com que tantos miseraveis rendiam, enganados, sacrilegas adorações aos demonios, penetrado seu coração da mais viva dôr, rogaram ao Senhor que os conservasse constantes na fé, para de modo algum se contaminarem com os erros dos idolatras.

Um camareiro de Juliano, chamado Arion, advertiu seu resentimento, mandou prendel-os e apresental-os ao imperador, que informado da causa, esquecendo as immuniidades, devidas aos embaixadores, mandou mettel-os em prisão com ordem de que, se não sacrificassem n'aquelle dia, soffressem no seguinte os mais cruéis tormentos. Desprezaram os santos tão tyrannico mandado; com semblante irado perguntou-lhes o imperador, logo que os teve em sua presença:

«Acaso vos tem enviado o vosso rei, para que não celebreis comigo as festas de nossos deuses, nem lhe offereçais sacrificios?» «Nosso soberano, responderam-lhe os santos, enviou-nos para tratarmos da paz contigo e não para sacrificarmos a teus idolos. Nós somos christãos, e portanto só adoramos a Jesus Christo que é o unico Deus verdadeiro.» «Idiotas de todo me pareceis, continuou Juliano, contravindo a um imperador tão grande como eu!» «Não chames assim, lhe responderam os santos, aos servos de Deus, pois em sua presença apparecemos sabios, instruidos por Aquelle que nos tem dito nas sagradas Escripturas que, quando houves-

semos de comparecer perante os reis e presidentes inimigos, não pensassemos no que havíamos de dizer, pois o Espirito Santo falaria por nós.» «Tambem eu hei lido, respondeu o Apostata, vossas fatuidades, e de nada me tem servido esse Christo de que vós falais; aconselho-vos a que vos separeis d'elle e a que sacrifiqueis aos deuses immortaes, pois do contrario vos tornais credores de exquisitos tormentos, sem que vos aproveite de cousa alguma Christo.»

Então cheios os tres heroes de um santo zelo lhe replicaram: «Impio e profano imperador, como te has infatuado a ponto tal, que, chegando-te todos os dias a semelhantes deuses, não os vejas de todo mudos, sendo, como são, umas pedras inanimadas e domicilios dos demonios para enganar os homens?»

Arrebatado de extraordinario furor ao ouvir a replica dos santos, lhes disse: «Homens os mais desgraçados; como é que tendo sido por mim recebidos com tanta humanidade, blasphemais dos deuses, e vos atreveis a chamar-lhes pedras? eu farei por seu nome, propicio para comigo, hajais de experimentar seu poder.» Mandou pois lançal-os em terra e acontal-os cruelmente; mas como os illustres confesores de Jesus Christo repetissem em meio d'aquelle castigo: «Nós não sacrificamos a pedras inanimadas, mas ao verdadeiro Deus que vive eternamente»; mais irritado o Apostata, ordenou que, suspensos de uma trave, tivessem as costas despedaçadas e os calcanhares atravessados por prégos.

Postos no supplicio clamavam os santos: Senhor meu Jesus Christo, que subistes ao lenho da santa e veneravel cruz para salvar o genero humano, não te separe de nós; salva-nos d'estes tormentos que nos cercam, pois conheces quão fraca é nossa carne para semelhante combate; feita esta oração, foram assistidos de um anjo do Senhor que lhes allviou seus trabalhos.

O tyranno mandou descel-os do lenho, e querendo seduzil-os com branduras, affectando compaixão, disse a Sabelio e a Ismael: «Vejo que este vosso insensato irmão não quer assistir aos sacrificios de nossos deuses, pelo que receberá a competente retribuição; mas persuado-me de que vós vos portareis melhor.» Então os dois irmãos lhe responderam a uma voz: «Pensas, principe impio e inimigo de Deus, que por tão doloso raciocinar nos poderás apartar de Jesus Christo?»

Juliano, enfurecido com a resposta, mandou que lhes applicassem achas abrazadas ás costas; porém mantendo-se constantes em louvar e bendizer ao Senhor, voltando-se para Manuel, cego de colera, lhe disse: «Infeliz e o mais

miseravel dos que contigo estão, sacrificas aos deuses clementissimos, porque do contrario serás atormentado com severissimos castigos.» «Não penses, respondeu o Santo, que poderás fazer que em algum de nós falte a esperança que temos posta no Senhor. A' vista temos sua santa cruz, que nos conduzirá ao fim que desejamos e ao mesmo Jesus Christo que allivia nossas dôres.»

Vendo o tyranno a invencivel fortaleza do santo martyr, mandou trazer tres cravos e pregar-lh'os, um na cabeça e dois nos hombros, e que conduzidos todos amarrados ao muro de Constantino que olha para a Thracia, os decapitassem no lugar chamado *precipicio*, e que depois queimassem seus corpos para privar os christãos-de lhes poderem dar sepultura.

Tendo os santos chegado ao lugar do supplicio, fizeram a Jesus Christo uma fervorosa oração, supplicando-lhe que se dignasse livral-os das mãos do impio apostata e illustrar aquelle miseravel povo com o conhecimento da verdade. Executou-se a sentença no dia 17 de junho no anno 362. O Senhor dispoz para gloria de seus santos e confusão do tyranno que se abrisse a terra, e occultasse em seu seio os corpos dos illustres martyres para impedir sua combustão, ordenada pelo tyranno.

Fugiram os verdugos aterrados, e muitos gentios se converteram á vista d'aquelle prodigio, o qual serviu de argumento para os fieis enterrarem os cadaveres com a honra correspondente.

O rei dos persas veiu a saber o attentado, commettido por Juliano em seus embaixadores, proseguiu por isso a guerra de novo; e vingando o céu as injurias, feitas por aquelle apostata aos christãos, fez que percesse miseravelmente, recebendo condigno castigo.

SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu no dia 3 do corrente, ás 8 horas da manhã, na sua casa do Poço dos Mouros, em Lisboa, a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Benedicta Manuel de Vilhena, dama de nobre nascimento e de preccecellas virtudes, virtuosissima esposa do ex.^{mo} snr. D. Martinho de Almeida e mãe do nosso presado amigo, o ex.^{mo} snr. D. Thomaz d'Almeida Manuel de Vilhena.

A finada senhora era oriunda de uma das mais nobres familias de Portugal, pois pertencia á illustre casa dos

condes de Alpedrinha e senhores de Pancas.

Senhora d'arreigados sentimentos religiosos, era, como quasi todas as fidalgas de Lisboa, muito activa na propagação dos seus nobres ideaes. A piedade da finada e illustre dama revelou-se em muitas praticas religiosas e de caridade, acudindo, como podia, a todas as miserias phisicas e moraes de que tinha conhecimento, e levando a sua caridade a ponto de tomar a seu cargo o ensino de crianças desvalidas.

Por isto se pôde vêr que, se a illustre dama era nobre pelo sangue, não o era menos pelas virtudes.

Falleceu, pois, a illustre senhora cheia de dias e de merecimentos. E, entre estes, não foi, por certo, o de menor valia a educação essencialmente religiosa que deu a seus nobres filhos, que dão honra a tal mãe. Ahí está o ex.^{mo} snr. D. Thomaz d'Almeida, o unico que temos a honra de conhecer, para o attestar.

Morrer, quando se viveu e morreu como a illustre dama, confortada com todos os Sacramentos da Egreja, é nascer para a vida eterna.

A carne sente este apartamento, mas a intelligencia, auxiliada pela fé, deve suffocar os impetos da carne.

Palavras de consolação não as dirigimos a familia tão catholica, porque as julgamos desnecessarias. A cruz e a imagem de Jesus Christo fallarão, na sua mudez, mais e melhor ao coração dos doridos do que as nossas palavras.

Saiba, porém, a nobre familia enluctada que a acompanhamos na sua dôr, e que as nossas pobres orações pelo eterno descanso da finada dama se irão juntar ás da familia, dos amigos e dos desgraçados para quem a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Benedicta era mãe desvelada.

Aos leitores pedimos tambem as suas orações pela alma da illustre fallecida.

Falleceu ha dias em Salreu, concelho de Estarreja, a ex.^{ma} snr.^a D. Henriqueta Augusta Barboza de Mello, antiga assignante do *Progresso Catholico*.

Aos nossos leitores pedimos as suas orações por alma da finada e á familia enlutada damos sinceros pesames.

RETROSPECTO

Conferencia na Associação da Mocidade Catholica do Porto

Realizou-se no dia 31 de maio, na sala da Mocidade Catholica, que estava

litteralmente cheia, nma conferencia pelo rev.^{mo} snr. Conego dr. Manuel Luiz Coelho da Silva.

A's 8 horas e meia abriu se a sessão.

O illustrado conferente começou assim:—Saúdo-vos, querida familia do meu divino Mestre, nobres soldados de Jesus Christo, corações dedicados e inabalaveis na fé, saúdo-vos, meus amigos.

Em seguida fez vêr que a mocidade foi sempre o objecto das constantes sollicitudes da Igreja e que a mocidade catholica é hoje a sua maior esperança; que hoje, mais do que nunca, é necessario o apostolado leigo para salvar a sociedade e que entre os leigos occupa o primeiro lugar a mocidade catholica, sempre activa, sempre generosa, e a ella mais do que a ninguém se dirigem aquellas palavras:—*mandavit unicuique de proximo suo*—, e por isso a mocidade catholica tem de exercer um triplice apostolado:—o apostolado da verdade pela *palavra*, o apostolado da virtude pelo *exemplo*, o apostolado da caridade pelas *obras*.

Entrando no assumpto, o illustrado conferente dividiu o discurso em duas partes; na primeira fallou d'este triplice apostolado em geral, e na segunda fez applicação d'esses principios á sanctificação do domingo.

Na primeira parte, depois de dizer o que é a verdade e como ella é naturalmente expansiva, continuou:—Esta verdade que vós possuís, que bebestes com o leite nos joelhos d'uma boa e piedosa mãe, nos dias dourados da vossa infancia; esta verdade que fez o encanto da vossa adolescencia, que protege a vossa juventude e que um dia vos consolará na velhice e tornará menos profunda a noite do vosso tumulo— a verdade catholica—quantos homens não estão d'ella privadas? quantos que não comprehendem nada das sublimes grandezas da religião, para elles simples objecto d'escarneo e sarcasmo?... Ide em auxilio d'esses infelizes, torne-vos os Ananias d'esses Saulos, ainda cegos nos caminhos da vida, n'uma palavra, sede apóstolos em vossas familias, juncto dos vossos amigos, apóstolos para com o povo e sobretudo para com os operarios, apóstolos todos pela palavra fallada e pela palavra escripta aquelles que sentirem em si a grandissima vocação de jornalistas.

S. rev.^{ma} desenvolveu brilhantemente cada uma d'estas ideas, isto é, o que devia ser o apostolado em familia, perante os amigos e sobretudo para com os operarios.

Depois mostrou o que devia ser o apostolado da virtude pelo bom exemplo e quanto este era necessario no meio da corrupção quasi universal em que vivemos.

Por ultimo, quanto ao apostolado das boas obras, disse que eram muitas as que se offerciam ao zelo da mocidade catholica, mas que entre ellas nenhuma mais agradavel aos olhos de Deus do que socorrer os pobres em sua miseria, consolal-os na sua desgraça. Mas que entre os pobres ha uma classe que julga dever ser o principal objecto d'essas obras de caridade:—é a classe operaria. As classes operarias! Todos os dias nos dizem, exclama o illustrado orador, que ahi está o grande perigo; mas eu digo-vos que tambem de lá pôde vir a salvação. Ha, certamente, no seu seio aspirações puramente materiaes que tem sido extraordinariamente excitadas e perfidamente exploradas, mas ha tambem tendencias nobres e generosas.

O que é preciso portanto para transformar esses elementos de ruina em elementos de resurreição e vida? E' preciso apenas fazer reviver todos esses bons sentimentos por meio do apostolado leigo. Ide portanto aos operarios, pois que elles não vêm a nós; derramai sobre as suas almas ulceradas um balsamo do vosso coração que adoce as suas feridas; iniciac-vos nos seus trabalhos, ajudai os com as vossas luzes e conselhos, ide visital-os quando provados pela dôr, occupai-vos dos seus interesses e até dos seus prazeres.

Entrando na segunda parte, o erudito conferente começou por dizer que um dos assumptos sobre que a mocidade catholica devia exercer o apostolado da *palavra*, do *exemplo* e das *obras* era a sanctificação do domingo.

Que eram tres as principaes causas da profanação do domingo:—a cubiza dos patrões, a cegueira dos nossos legisladores que pretendem não ter d'intervir n'esta questão e a ignorancia e leviandade dos operarios. Que era necessario principalmente demonstrar aos operarios que para elles não deve haver liberdade mais querida e preciosa do que a liberdade do descanso depois d'um trabalho rude e penoso de 6 dias, e que para essa demonstração ninguem hoje melhor do que os leigos, porque para muitas pessoas o sacerdote é suspeito n'esta questão, pois julgam que ella interessa exclusivamente ao dominio religioso.

E a mocidade catholica deve provar que o domingo é necessario ao operario por motivos d'hygiene e de salubridade publica, para os deveres a cumprir para com o corpo e para com o espirito e que sem o descanso do domingo a familia será nulla ou desgraçada e as nações decadentes. Apontou a Inglaterra que deve a sua prosperidade material á sanctificação do domingo, como confessou o seu grande historiador Macaulay.

Em seguida disse que praticamente a inobservancia d'esto grande preceito provem dos maus exemplos das classes abastadas; absorvidas pelos interesses materiaes, sacrificam-lhes todos os outros e tractam os seus criados, os seus operarios como simples machinas ou animaes de carga. Que era preciso que o dia do repouso ordenado por Deus, fosse reconduzido á sua significação antiga; que em lugar do descanso factor de vicios e dissipador dos salarios, fosse o dia de Deus ao mesmo tempo que o dia do homem, o dia da familia, o dia do espirito e não o dia das tabernas ou das merendas, e que, para evitar esse grandissimo mal, concorrerá muito a mocidade catholica que deve dar o exemplo das praticas religiosas publicamente, não se limitando a praticar a sua religião ás escondidas.

Quanto ás obras de caridade, com que a mocidade catholica deve sanctificar o domingo, limitava-se a apontar uma só, mas que resumia todo o pensamento do seu discurso:—deve trabalhar pela fundação e progresso d'uma boa associação de operarios.

Como seria bello, util e edificante vêr ao domingo de tarde a mocidade catholica e os operarios reunidos na capella d'uma mesma casa, como um só coração e uma só alma, para adorem o Deus Sacramentado, e em seguida entregarem-se a exercicios proprios para recreio do corpo sem prejuizo do espirito! Isto e o mais que a intelligencia e imaginação pôde supprir obrigar os nossos inimigos a exclamar:—vêde como elles se amam,—e este testemunho insuspeito seria a maior consolação n'esto mundo e penhor seguro das recompensas que no outro Nosso Senhor dará aos que por elle trabalham.

Finalmente, depois da recapitulação, terminou:—Como é santa, bella e graciosa a vossa missão! Mas tambem como é terrivel a responsabilidade, que peza sobre vós!

Jovens resgatados pelo sangue de Jesus Christo, catholicos fieis e generosos, levantai vos para esta nova cruzada, coragem e ávante; ávante contra todas as especies de barbarie, ávante contra a corrupção que nos invade como uma maré de lama, ávante pela Igreja e pela patria.

Nada de pessimismo. Os pessimistas cruzam os braços, sómente sabem lastimar se e gemer, especie de chorões só proprios para abrigar tumulos. Os optimistas são homens d'obras, trabalham, oram e esperam; a elles pertencem as promessas do futuro.

Nunca digaes:—o mal é muito grande, o nosso apostolado será inutil. Muito maior do que hoje era o mal n'outras epochas, sobretudo nos primeiros

tempos da prégacao do Evangelho, e o apostolado de 12 homens bem fracos salvou o mundo. E' certo que um fogo sagrado, a paixao de Deus e das almas, abrazava os seus corações e alimentavam a sua energia no banquete eucharistico. Mas o fogo que Jesus Christo veio trazer do ceu á terra, não se extinguiu ainda e a meza da communhão é livre para todos vós.

Coragem, confiança, oração, frequencia de sacramentos... e, se cahirdes no meio do combate, segurae bem nas vossas mãos valentes a bandeira catholica que é a bandeira da fé e da honra, a bandeira do futuro e lembrae-vos da eterna ordem do dia que nos deixou Jesus Christo:—*in mundo pressuram habebitis, sed confidite, ego vici mundum...* Confide que eu vençi o mundo.

Quando o rev.^{ma} terminou, a assembléa, enthusiasmada, prorompou n'uma estrondosa e prolongada salva de palmas.

Procição catholica em Londres

Effectuou-se ha dias uma procição catholica em Londres, levando uma imagem da Santissima Virgem. Incorporaram-se n'ella mais de 10.000 fiéis recitando o Rozario em alta voz.

Missionarios para a Abyssinia

Partiu de Brindisi para a Abyssinia uma missão catholica composta de cinco missionarios que vae promover a libertação dos prisioneiros italianos, e levallhes medicamentos, vestuários, etc.

O chefe da missão é portador de uma caata do Santo Padre para o negus Menelik e outra do Cardeal Rampolla para o Bispo catholico de Ethiopia.

Condecoração de duas religiosas

O presidente da republica franceza condecorou em Tours duas religiosas dos hospitaes. Foi tambem a legião d'honra ao peito da Irmã Chantal pelos seus serviços principalmente em 1870-1871.

A' recusa da Irmã observou o presidente: «Lembrae-vos de que a obediencia é uma virtude. Invoco-a hoje

para vos fazer cavalleiro da legião d'honra, e como cavalleiro peço licença para vos dar um abraço». A boa Irmã não pôde reter as lagrimas e foi abraçada por Felix Faure no meio dos applausos da multidão. O presidente saiu do hospicio levando pelo braço a religiosa.

Assassinato maçonico

Foi assassinado ha poucos mezes em Rimini o conde Luigi Ferrari, amigo dedicado de Diana Vaughan, á qual transmittiu esclarecimentos collidos ácerca de Crispi. Ferrari era mação, membro de uma loja de Rimini e fazia parte do supremo conselho. Homem honesto, detestava Crispi e Lemmi por causa da sua improbidade; e approvava a guerra feita por Diana Vaughan a este.

Ora Ferrari foi assassinado poucas horas antes de partir para Roma, onde ia levar documentos destinados a Diana Vaughan. Um grupo de operarios socialistas foi incitado por um agente de Lemmi a commetter o crime. A policia prendeu o assassino, um sapateteiro chamado Salvatore Gattei e 9 operarios socialistas, mas não procurou aquelle que lhes dera previamente de beber. A carteira de Ferrari desapareceu, não se encontrando nas mãos de nenhum dos presos. O crime foi commettido na occasião da ruptura de Diana com a maçonaria. Diz-se que os accusados serão julgados em Forli em outubro. A imprensa maçonica da Italia organisou a conspiração do silencio ácerca do facto, apesar de Ferrari pertencer ao conselho da Ordem.

A acção catholica em Venezuela

E' admiravel a organização das forças catholicas na republica de Venezuela. Foi fundada ha dez annos na capital uma associação, com o nome de Centro, composto de homens de todas as classes, a qual promoven a creação de centros por toda a parte, especialmente nas capitães dos Estados, de clubs catholicos d'operarios, de associações de senhoras, etc.

Sempre que a seita maçonica e an-

ti-catholica pretende atacar a religião, o grupo de associações em união com o Centro de Caracas protesta energicamente.

Tem igualmente combatido os desmandos da imprensa immoral e as tentativas da secularisação do ensino. Quando se pretendeu recentemente introduzir na legislação o principio do divorcio, o Centro organisou uma campanha vigorosa para a defeza do matrimonio christão. Fomentou tambem a piedade, organisou missões e romarias, conseguindo que o culto publico se tornasse mais fervoroso e imponente nas suas manifestações.

O sentimento patriotico anda alliado ao sentimento religioso nos actos do Centro. O retrato de Bolívar, o *libertador*, occupa o logar d'honra nas associações catholicas. As questões sociaes são assiduamente estudadas. Pensa-se na convocação de congressos catholicos.

A maçonaria na Italia

O numero de lojas symbolicas d'aquelle paiz destinadas aos tres primeiros graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre era de 156. Havia mais tres lojas mães ou regionaes, 6 camaras d'eleitos, 2 camaras de mestras perfectos, 14 capitulos de Rosa cruzes, 10 areopagos de Kadosch. Sobre estas lojas superintendem a Grande loja symbolica, o soberano capitulo, o supremo conselho dos 33., a grande loja e camara dos ritos, cujo conjunto fórma o Grande Oriente escossez. Existem ainda algumas lojas que não estão sujeitas a este.

A maçonaria palladica, presidida por A. Lemmi, tem 120 triangulos, não se achando, porém, senão 75 em actividade.

Ha ainda 100 lojas judaicas, nas quaes não tem entrada os mações que não são judeus.

Pode, pois, computar-se em 336 o numero de lojas masculinas ou mixtas, ás quaes ha que juntar as lojas femininas que não figuram nas estatisticas officiaes; o seu numero é calculado em 80.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1.000 reis—Estados da India, China, e America, 1.280 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.